



Projeto:

Em Busca da Memória de uma Banda Centenária

FESTAS E A BANDA 13 DE MAIO

Dra Ana Guiomar Rêgo Souza

A festa é fenômeno multifacetado, ambivalente, polissêmico, partilhado pelos mais diversos campos de saber. Estudo que obrigatoriamente remete a Émile Durkheim e Marcel Mauss, os quais visualizaram tais manifestações como fenômeno social total, através do qual seria possível intuir a natureza das relações sociais como um todo. Na festa, aponta Durkheim, a “influência corroborativa da sociedade se faz sentir com maior rapidez e muitas vezes com maior evidência”, uma vez que o fluir de um estado de exaltação geral permite que as interações sociais se tornem “muito mais frequentes e mais ativas”.¹ Assim sendo, a festa é definida por sua capacidade de agregação, de suscitar efervescências e transgressões.

(...) a ideia mesma de uma cerimônia religiosa de certa importância desperta naturalmente a ideia de festa. Inversamente, toda festa, mesmo quando puramente laica em suas origens, tem certas características de cerimônia religiosa, pois, em todos os casos ela tem por efeito aproximar os indivíduos, colocar em movimento as massas e suscitar um estado de efervescência, às vezes mesmo de delírio, que não é desprovido de parentesco com o estado religioso(...). Pode-se observar, também, tanto num caso no outro, as mesmas manifestações: gritos, cantos, música, movimentos violentos, danças, procura de excitantes que elevem o nível vital etc.²

¹ Durkheim, Émile. *Lês Formes élémentaires de la vie religieuse*. Paris: PUF, 1985, p. 300/301; 542/545.

² *Ibidem*. p. 547/548.

Realização



Itaú
cultural

MINISTÉRIO DA
CULTURA





Projeto:

Em Busca da Memória de uma Banda Centenária

Roger Caillois sistematiza e amplia as ideias de Emile Durkheim e Marcel Mauss, estendendo à festa uma atmosfera sacrificial. Sacrifício aqui entendido como “dom e abandono”, ou seja, compartilhamento de uma paixão que se traduz em comunhão experienciada através de gestos que levam aos excessos, ao aniquilamento. Um tempo onde a ordem social é temporariamente suspensa, sendo caracterizado pelo desperdício e desenfreamento - um tipo de transgressão sagrada que regeneraria a sociedade antes do seu retorno à vida cotidiana.³ Por outro lado, evidenciando uma concepção evolucionista, Caillois sustenta que a sociedade abandonaria gradativamente as práticas festivas em favor de outras mais profanas e novas formas de lazer: a evolução residindo na progressiva dessacralização do mundo. Na esteira desta abordagem, Joffre Dumazedier concebe a sociologia do lazer: a televisão, os eventos esportivos, os grandes parques de diversão etc., assim como as férias remuneradas, estariam ocupando nas sociedades industrializadas a função de romper com a rotina do trabalho, função antes exercida pela festa comunitária. Jean Duvignaud, por sua vez, discorda veementemente desta abordagem, em virtude de sua forte inclinação funcional ligada ao capitalismo e à sociedade industrial. Contesta de igual maneira, as teorias que buscam entender a festa como um hiato no viver cotidiano; um hiato cuja função seria regenerar a sociedade, reforçando suas estruturas, instituições e promovendo a coesão do grupo social.⁴

Para Duvignaud, a festa pertence aos domínios do não-social, do não funcional. Nas suas palavras, “o desregramento ou a transgressão” que Caillois ou Bataille observam na festa não são uma oscilação, mas sim a ruptura; representariam a capacidade humana de transcender a realidade em todos os seus aspectos. Por este viés, a “verdadeira festa”

³ Callois, Roger. *L'homme et le sacré*. Paris: Gallimard, 1989. Cf. Perez, Lea Freitas. *Antropologia das Efervescências Coletivas*. In Passos, Mauro (org.). *A Festa na Vida: Significados e Imagens*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 26. Cf. Almeida, Jaime de. Op. Cit., p. 154/155. O sacrifício, vale ressaltar, não envolve necessariamente uma vítima, no sentido estrito do termo. No contexto festivo a noção de sacrifício se estende para abarcar o “sacrifício” de bens simbólicos e materiais em favor da festa. Cf. Amaral, Rita. *A Festa como Objeto e como Conceito*. In *Festa à Brasileira: sentidos do festejar no país que “não é sério”*. Disponível no endereço eletrônico <http://www.aguaforte.com/antropologia/festabrasileira/festa.html> Acesso: 22/12/2004.

⁴ Almeida, Jaime de. Op. Cit., p. 154/155.

Realização



Itaú
cultural

MINISTÉRIO DA
CULTURA





Projeto:

Em Busca da Memória de uma Banda Centenária

seria a própria expressão da subversão, não apenas “violando, mas destruindo códigos e normas ao colocar o homem frente a um universo desaculturado”.⁵

De certa forma, Duvignaud aproxima-se de Mikhail Bakhtin ao considerar como a verdadeira natureza da festa “momentos aberrantes” como o grotesco, o riso e a carnavalização, presente em manifestações festivas consideradas por ele como genuinamente populares. Momentos de transgressão emanados não da vida comum, do mundo do trabalho, mas dos “fins superiores da existência humana” do mundo dos ideais. Nos termos de Bakhtin, as festas como “forma primordial marcante da civilização humana”, não podem ser interpretadas a partir das condições e finalidades práticas do trabalho coletivo ou da necessidade de descanso periódico, posto que a trégua do trabalho não se constitui necessariamente em festa. Entretanto, se Duvignaud aborda o fenômeno festivo pelo prisma da destruição radical, Bakhtin a vê como deslocamento de papéis; como inversão das relações estabelecidas pelas hierarquias, procedimento que estabeleceria uma “segunda vida, um reino de liberdade, igualdade e abundância” no qual o povo adentraria temporariamente. Um mundo utópico, dominado pela informalidade, existindo paralelo ao mundo formal do Estado e da Igreja.⁶ Por outro lado, a ideia de regeneração - presente na teoria de Caillois - reaparece em Bakhtin, não como transgressão sagrada, mas enquanto renovação universal baseada no princípio do riso e da carnavalização - força regeneradora liberta de todo e qualquer sentido religioso. Na verdade, um impulso primordial que conduziria à superação dos períodos de crise. Nesse sentido, a alternância e a renovação constituir-se-iam sempre nos aspectos fundamentais da festa.

Mas, onde se encaixariam, nesse reino de liberdade ou de transgressão radical, as festas oficiais, seja da Igreja e/ou do Estado? Tais manifestações não integrariam a condição de verdadeira festa? Existiria algo que pudesse caracterizar de forma definitiva e abrangente os encontros festivos? É possível pensar a festa no singular? Parece que não: o próprio Duvignaud, conforme Jaime de Almeida, contrariando a ideia de uma

⁵ Duvignaud, Jean. *Festas e Civilizações*. Fortaleza: Editora Universidade Federal do Ceará. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983, p. 72/67.

⁶ Bakhtin, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo-Brasília: Edunb/Hucitec, 1993, p. 3-8.

Realização



Itaú
cultural

MINISTÉRIO DA
CULTURA





Projeto:

Em Busca da Memória de uma Banda Centenária

essencialidade que definisse em termos universais todas as festas, sugere uma pluralidade de classificações: festas do desregramento tribal, festas do prestígio e da rivalidade, festas de consumações delirantes, alucinações simbólicas, cerimonial comemorativo, intensa exaltação de seitas e grupos. Nenhum desses tipos configura-se, radicalmente, como denegação de normas ou como instituição de uma segunda vida oposta ao mundo oficial.

Para Bakhtin, as festas oficiais seriam a traição da “festa” posto que formais, se caracterizando pela seriedade, pela imutabilidade das regras e validação da ordem instituída. Há que se considerar, no entanto, que festas populares e festas oficiais não são manifestações que realmente se opõem. Como o próprio Bakhtin aponta, a abolição das relações hierárquicas, dos privilégios, regras e tabus é temporária. A “segunda vida” não corresponde a uma nova realidade. É um viver que suspende, mas não elimina a vida real. Conforme Yves-Marie Bercé, comportamentos absurdos e grotescos são assumidos na festa popular, mas não uma total liberdade: “a festa não se identifica com a desordem, não é um retorno anárquico dos instintos. É uma contraordem; mas sempre uma ordem.”⁷

Caminhando por via semelhante, Roberto DaMatta ao investigar rituais e cerimônias no Brasil, conclui que os momentos festivos, embora especiais, não devem ser tomados como essencialmente estranhos à vida cotidiana, sendo, ao contrário, instituídos a partir de mecanismos sociais utilizados no dia-a-dia, em especial, o “reforço” e a “inversão”. Para DaMatta, um dos elementos básicos dos processos de ritualização é colocar em evidência certos aspectos do mundo social. Trata-se de destacar um elemento inflacionando, por assim dizer, aquilo que já existe. Ao chamar a atenção para as regras, posições ou relações, a partir da “separação” ou “reforço” de papéis sociais, cria-se um campo respeitoso, o que caracterizaria as cerimônias formais ou oficiais. Por outro lado, existiriam situações rituais onde o deslocamento de papéis é mais radical: é o que ocorre por meio do mecanismo de inversão, quando ao invés de separar ajunta-se o que está normalmente desunido, estabelecendo “continuidades entre os diversos sistemas de classificação que operam discretamente no sistema social”. É o caso dos carnavais, onde o

⁷ Bercé, Yves Marie. *Fête et révolte: Des mentalités populaires du XVIe au XVIIIe siècle*. Apud Almeida, Jaime de. Op. Cit., p. 175.

Realização



Itaú
cultural

MINISTÉRIO DA
CULTURA





Projeto:
Em Busca da Memória de uma Banda Centenária

campo social é definido pela informalidade, pela jocosidade e pelo grotesco.⁸

No caso das festas religiosas brasileiras, as fronteiras se tornam ainda mais difusas, não sendo possível delimitar com rigor os limites entre oficialidade e informalidade, entre o sagrado e o profano. É o que ocorre, por exemplo, na Semana Santa de cidades como Goiás. Conforme ensina Edmundo Leach, situações rituais envolvem combinações de comportamentos, que, embora conceitualmente distintos, estão estritamente ligados: uma cerimônia que começa de um jeito pode terminar de outro e vice-versa, ou, comportamentos rituais diferentes podem coexistir em um mesmo momento festivo. Em outras palavras, a coerência da vida ritual não se estabelece unicamente em termos funcionalistas, sendo inerente a tais situações a coexistência num mesmo contexto de elementos que concorrem entre si.⁹

Foram nesses espaços de performance que as Bandas de Músicas foram alçadas ao grupo musical mais popular no Brasil ao longo do século XIX. Nesse âmbito floresceram músicos, professores de música, compositores e composições, além de se constituírem em um dos mais importantes espaços de socialização no Brasil, além de poderoso instrumento de construção da cidadania, inserção social e construção identitária.

Como diz Tomaz Silva,

A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. (2000, p. 96/97).

Em sendo assim, identidades se constroem e são reconstruídas através de ações, grupos e instituições que são portadoras e construtoras de memórias coletivas e afetivas.

⁸ DaMatta, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis. Para uma Sociologia do Dilema Brasileiro*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1990, p. 64/65.

⁹ Leach, E. R. *Repensando a Antropologia*. São Paulo: Perspectiva, 1974, p. 209.



Realização

Itaú
cultural

MINISTÉRIO DA
CULTURA





Projeto:
Em Busca da Memória de uma Banda Centenária

Nas bandas, a produção de laços afetivos transmitidos de geração para geração é a distinção desses grupos fazendo que com que o grupo se mobilize de várias maneiras para realizar sua missão e mobilize comunidades em torno delas. Esse é o caso da centenária banda de Corumbá de Goiás, criada em 1890, denominada como 13 de maio em homenagem ao segundo aniversário da promulgação da Lei Áurea. Os depoimentos de moradores de Corumbá, colhidos para o Documentário Banda 13 de Maio, se constituem em vívidas imagens de pertencimento da Banda 13 de maio à comunidade: “Toquei no Espírito Santo dobrados muito bonitos...um deles se chamava ‘Coração que chora’ (...); “ A Banda faz parte da cidade. Tirar a Banda das procissões e de qualquer evento religioso...a cidade perde todo o brilho”; “ A Banda é o coração da cidade”.

O certo é que por qualquer ângulo que se observem festas e bandas, e são muitos, não há como fugir ao fato de que essas manifestações pertencem àqueles domínios da cultura que são vitais em termos da estruturação da vida social. Não fossem festas e bandas manifestações de um sentir coletivo, uma forma de dizer sim à vida, não se fariam ainda presentes na vida das comunidades; lugar de criação, recriação e apropriações, de tempos múltiplos, lugar de memória, da produção de significados polissêmicos e polifônicos.

Ana Guiomar Rêgo Souza é doutora em História Cultural pela Universidade de Brasília (UnB). Mestre em Música pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Bacharel em Piano pela UFG. Professora associada da UFG, lotada na Escola de Música e Artes Cênicas (EMAC). Leciona na Graduação, no Programa de Pós-graduação stricto sensu em Música e no curso de Especialização em Artes Intermidiáticas da EMAC/UFG. Foi coordenadora do curso de Licenciatura em Música por cinco anos, coordenadora do Curso de Especialização em Ensino da Música e Processos Interdisciplinares em Artes. É atualmente Diretora da EMAC/UFG. Coordena o Laboratório de Musicologia Braz Wilson Pompeu de Pina Filho?. Foi colaboradora externa do CEMEM / UFRJ - Centro de Estudos em Musicologia e Educação Musical da UFRJ. Integra a Comissão Científica do NÚCLEO CARAVELAS - Centro de Pesquisas em História da Música Luso-Brasileira / CESEM/Universidade Nova de Lisboa e o Corpo Editorial da REVISTA UFG. Atua como

Realização



Itaú
cultural

MINISTÉRIO DA
CULTURA





Projeto:

Em Busca da Memória de uma Banda Centenária

orientadora no Programa de Pós-graduação em Música da EMAC/UFG e como coorientadora convidada no Programa de Pós-graduação do Departamento de Música da Universidade de Évora (Mestrado e Doutorado). Preside o Simpósio Internacional de Musicologia e o Festival Internacional de Música da EMAC/UFG. Atua como pesquisadora nas linhas "Música, História, Cultura e Sociedade" e "Identities, Representations and Interdisciplinary Processes", tendo organizado livros, publicado capítulos de livros, revistas científicas e anais, tanto na área de Música como na área de História Cultural. Integra o "Núcleo de Pesquisas e Produção Cênico Musical" da EMAC/UFG, produzindo óperas e musicais resultantes de pesquisas históricas e musicológicas. Em 2016 recebeu do Governo do Estado de Goiás e do Conselho Estadual do Estado de Goiás a Medalha do Mérito Cultural pelo importante contribuição à cultura goiana na área da música

Realização



Itaú
cultural

MINISTÉRIO DA
CULTURA

